

Administrativo. A mediocridade dos ideaes dá a medida da facilidade das corrupções. A preguiça indigena accommoda-se n'estes fofos leitos do orçamento, recitando a phrase do poeta latino: «Deus nobis hæc otia fecit.»

O auctor do livro: *A Sociedade de Berlim*, exprime-se por esta forma ácerca de Bismark: «Dès qu'on méprise complètement l'humanité, on la domine; car alors on sait au juste ce qu'on peut attendre ou exiger de la cupidité de celui-ci, de l'envie de celui-là, de la bassesse de l'un, de l'hypocrisie de l'autre. Le prince est cynique en même temps que sceptique; dès qu'il s' imagine qu'une conscience est indécise, il essaye de l'acheter, et neuf fois sur dix la chose lui réussit, — car les hommes sont lâches, et se donnent toujours à celui de qu'ils espèrent quelque chose.»

Tacito ou Sallustio não diriam melhor, n'este confronto de duas sociedades, perversas até á medulla espinal.

As heresias de Luthero e de Calvino representavam a lucta, e lucta de gigantes. Protestavam os dissidentes — mas para protestar é preciso crer, é necessario ter fé viva n'outra doutrina, é forçoso combater por ella, e para estas pelejas da razão humana carece-se de cerebro para conceber, d'uma vastissima instrucção para argumentar, e d'uma grande somma de energia e de coragem para arrostar com os odios, e perseguições dos adversarios, e soffrer o desterro, e o martyrio na defesa d'uma idéa. Mas como os cerebros estavam atrophiados, e a erudição era nulla, só as chammas do Santo Officio ou do inferno podiam dar clarões a espiritos debeis ou enfermos. D'aqui se originou um grande mal de que não cogitaram, nem

previram as desastrosas consequências os milagreiros ignaros. N'esta inercia constante, n'esta cegueira irremediavel não se analysavam as bases de nenhuma religião, não se fazia a synthese das crenças dos outros povos, e pela paralytia cerebral, no que dizia respeito a estas vastissimas questões, trocava-se a religião pela superstição, o fervor da crença pelo fanatismo, e o culto piedoso e edificante pela pratica liturgica e symbolica, que só falava aos sentidos na sua fórma material, e deixava o espirito mergulhado na peor e na mais dissolvente de todas as apprehensões: a apprehensão da propria inanidade. Era o nihilismo religioso.

Quando a França, que fôra dos reis christianissimos, ao clarão dos raios d'aquelle Sinai, onde se proclamaram os direitos do homem, arremeçou a luva á côrte de Roma, quebrando com as tradições da patria de

S. Luiz e de Bossuet, a nação portugueza sentiu-se surprehendida e deslumbrada. Não seguira nem acompanhára as differentes phases da evolução religiosa, desconhecia e ignorava absolutamente a historia exacta de todas as transformações, por que as crenças iam passando, não suspeitava sequer que fosse discutivel tudo quanto a Igreja manda crer — dogmas e mysterios eram para ella as palavras sagradas, que suspendiam no cerebro todos os raciocinios, e subitamente sem preparação prévia nem solução de continuidade, a lucta religiosa surge-lhe, não em exame de dogmas, não em vacillações sobre pontos de doutrina, não em questões de cerimoniaes ou de ritual, mas face a face, pondo-lhe em duvida a divindade de Christo, e chegando até ao extremo dos delirios, até prestar culto, em França, á deusa da Razão, ornada com o

barrete phrygio da liberdade. Por isso mesmo que o salto foi immenso, por isso mesmo o desmoronamento foi enorme. Intelligencias adormecidas, cerebros anemicos e profundamente perturbados, não distinguiram hypotheses, não meditaram no valor de certas crenças, nem na pequenez do homem, ainda quando é um erudito ou um sabio, para decidir absolutamente da existencia do Poder Supremo, que rege harmoniosamente o universo. A depressão moral, que fôra tão freneticamente proclamada como testemunho vivo da mais esplendorosa fé, deu os seus funestos resultados. Este cretinismo secular assignalou a sua inconsciente independencia pela incredulidade, pelo materialismo, finalmente pela mais profunda indifferença religiosa.

Negada absolutamente a revelação em materia de crenças, por classes a quem não

sobeja a illustração e o estudo scientifico, para se ampararem nas luctas dolorosas da existencia, e para enfrearem appetites e desejos ardentes, que levam, por vezes, á vereda do crime — que ha a fazer?

Vejamos:

Quaesquer que sejam os desvairamentos e as allucinações que se manifestem n'este periodo de transição, as leis sociologicas são necessarias e fataes, não obedecem a acontecimentos inesperados, nem se desviam, na sua acção, pelos caprichos da humanidade. A evolução religiosa ha-de continuar na sua marcha, sem sobressaltos nem lacunas, transformando apenas os elementos em que se apoia a crença, sem quebrar o elo que a prende ás heranças semitica e aryana. Todavia, n'esta phase de descrença e de lucta carecemos de um ideal, que illumine os indifferentes, porque sem

vínculo moral não ha possibilidade de existencia para qualquer povo, nem para qualquer collectividade humana.

A eschola evolucionista considera o progresso no que contribue para a felicidade do homem, e no que tende a augmental-a directamente, e indirectamente a favorecel-a. «Mas o que faz a felicidade do homem, observa um evolucionista, é, em sentido abstracto, a aptidão para satisfazer as suas necessidades de qualquer natureza, quer dizer a liberdade — a liberdade regulada e limitada pela egualdade sua correlativa necessaria, por isso que o homem vive no estado social». Por uma fórmula mais generica diremos, a adaptação completa do homem á vida social. «Ter por si mesmo a faculdade de fazer o que deve ser feito, diz Spencer, é ser organicamente moral... A perfeição consiste na posse de faculdades exactamente

apropriadas a satisfazer estas condições; e a lei moral é a formula da linha que temos a seguir para as poder satisfazer.» É uma expressão conhecida das leis naturaes, que toda a manifestação d'actividade é acompanhada d'um certo prazer. Este prazer diminue, desapparece, e transforma-se em soffrimento na proporção das resistencias interiores ou exteriores, que a actividade encontra. Pela mesma ordem de idéas somos levados a affirmar, que todos os espiritos educados sentem necessariamente uma grande satisfação em se sentir collocados a par de outros seres superiores, na proporção em que se approximam do seu proprio ideal, e se identificam, por assim dizer, com elle, ao passo que esta satisfação corresponde a um grande soffrimento intellectual, quando se vêem abatidos da sua categoria, do logar que occupavam, e vão cahir

ao nível dos entes, que lhes são a todos os respeitos inferiores. Ora, para que a sensibilidade, produzida por estes factos, tenha uma certa intensidade, é necessario que o espirito esteja educado, por isso que a susceptibilidade da consciencia vae augmentando á medida que ella se desenvolve, e a vivacidade do remorso dá a grandeza da nossa elevação moral. É evidente que o remorso, com todos os seus escrúpulos dolorosos, as suas torturas interiores, e as suas exprobações intimas, póde ferir os seres não na razão inversa, mas na razão directa do seu aperfeiçoamento. O remorso, pois, é d'uma grande utilidade na vida moral, por que se exprime a consciencia que tivemos d'um erro que praticámos, mostra, tambem, que alcançámos a noção d'esse erro, d'essa imperfeição, e para fugirmos ao soffrimento pungente, que o remorso nos causa, evita-

remos a repetição d'esse facto, que contraria por alguma fórma as leis sociaes que nos regem.

Comprehendidas as leis da evolução, que acompanham maravilhosamente o progresso e o desenvolvimento de todos os seres, o homem pondo as suas aptidões ao serviço d'esta grandiosa concepção, em harmonia com o seu ideal — que só póde ser a affirmação do bello e do justo — satisfaz plenamente as necessidades do seu organismo, e não se afasta dos seus deveres moraes, aferidos pelos dictames da propria consciencia. «Quando a mudança que se opéra á nossa vista estiver concluida», escreve Spencer, «quando todo o homem unir no seu coração, a um amor entranhado pela liberdade, vivos sentimentos de sympathia pelos seus semelhantes, todos os estorvos legaes ou violencias particulares, que a individua-

lidade ainda encontra, hão de desapparecer, ninguém será tolhido no seu desenvolvimento, porque, mantendo os seus proprios direitos, ha de respeitar cada um os direitos dos outros».

Este respeito pelos direitos dos outros affirma-se da nossa parte pelo cumprimento de deveres, e esta consideração pelos outros traduz-se em consideração por nós mesmos, e pela nossa dignidade de homem. Ha reciprocidade de serviços, e consequentemente reciprocidade de interesses e de sentimentos.

Como diz um distincto escriptor: «O homem tem necessidade de se sentir grande, de ter por instantes consciencia da sublimidade da sua vontade.» É pela lucta que elle adquire a consciencia d'este sentimento: lucta contra si e contra as suas paixões, ou contra os obstaculos materiaes e intelle-

ctuaes que o cercam. Quando triumphá, applaude-o a sua propria consciencia, e acha a recompensa no aperfeiçoamento do seu organismo, e na herança de novas acções reflexas, que transmittirá ás gerações que lhe succederem.

E este é o maior de todos os premios. As recompensas sociaes, conferidas em fórma de privilegio, vão desapparecendo n'este nivelamento da humanidade. As recompensas da estima publica, e da popularidade tendem a submergir-se tambem, n'este mar procelloso da democracia. Os fetiches das populações selvagens, e os heroes das civilizações embryonarias vão sendo apeados dos seus pedestaes de granito. Restam os homens da sciencia — são esses os unicos guias, e os fachos de luz das modernas gerações. Todas as nossas attenções estão voltadas para as idéas abstractas da sciencia,

e para as suas luminosas applicações, assim como todos os nossos desvelos e carinhos expandem-se em soccorrer e levantar os infelizes, que por vicios hereditarios de organismo, ou por desvios de ignorancia, ou por enfermidade cerebral teem a herança da miseria, e da desconsideração publica.

Sejamos intolerantes comnosco no cumprimento rigoroso dos nossos deveres, tenhamos o orgulho de que concorremos quanto em nossas forças cabe, para os destinos que estão reservados ao homem, e que cooperamos, nos limites estreitos das nossas faculdades, para o desenvolvimento e harmonia d'este deslumbrante e sublime poema que se chama o Universo.

Tenhamos a tolerancia do amor para com os que soffrem, qualquer que seja a causa e a origem da sua inferioridade. Aspirar á felicidade é o ideal de todos os en-

tes — infelizes d'aquelles que não podem ou não sabem satisfazer essas aspirações. Erguel-os, e esforçal-os é ainda assim auxiliar o pensamento da criação.

Levemos, pois, a indulgencia até onde o permittir a segurança social; empreguemos todos os meios para levar a luz aos cerebros adormecidos e narcotizados; não poupemos esforços para desenvolver o sentimento nos organismos atrophiados — e d'uma sociedade anemica, que lucha com o pesadelo devido á herança secular de erros e de falsas noções, façamos um povo de homens livres, ciosos do seu verdadeiro prestimo, e da sua propria dignidade.

Façamos com que a caridade não seja apenas o theatro, onde vem receber applausos uma falsa piedade ou um ardiloso interesse politico.

Não busquemos distincções de superiori-

dade ou de inferioridade nos entes a quem acudimos — qualquer que seja a sua gradação ou o seu desenvolvimento na vida physica e intellectual, temos o dever de os soccorrer e de os guiar.

Procuremos uma verdade que nós, homens de todas as crenças, de todas as doutrinas, e de todos os cultos possamos acceitar, e seja ella o pacto da nossa aliança. «Essa verdade, pensa Spencer, ácerca da qual todos os homens estão tacitamente de accordo, desde o fetichista até ao critico mais frio nas crenças humanas, deve ser a que nós buscamos. Se a religião e a sciencia podem reconciliar-se, é sobre este facto, o mais profundo, o mais vasto e o mais certo de todos: que o poder supremo de que o universo é a manifestação para nós — é completamente impene-travel». Accordes n'esta idéa profundamente

religiosa, prestemos todos em commum ao Incognoscivel o culto, que mais póde ir em harmonia com as leis da evolução, e façamos com que a caridade em tudo e para com todos, na expansibilidade d'este nobilissimo sentimento, seja o primeiro testemunho da nossa regeneração politica e social.



OS SALÕES

1.^a SÉRIE

Affirmações Democraticas..... 200

2.^a SÉRIE

As Hesitações da Actualidade..... 300

3.^a SÉRIE

As Indifferenças do Seculo..... 600

NO PRÉLO

4.^a SÉRIE

As Impaciencias